

# Entre as bordas da história e da literatura

## Between the margins of history and literature

A constituição disciplinar da história foi marcada, ao longo do século XIX, pelo distanciamento de certos campos intelectuais, vistos como outros em relação aos quais era mister demarcar fronteiras. A veracidade dos relatos dos historiadores enunciava uma interdição, o da sedução da ficção literária, e as novas gerações deveriam inverter a máxima aristotélica que, lembremos, postulava a superioridade da poesia sobre a história, considerada o reino do particular, enquanto a primeira poderia se gabar de aceder ao universal. Sob a modernidade, impregnada de progresso e de futurismo, o século XIX era o da história. Reconhecida como uma especialização, a prática historiadora poderia até valer-se da literatura como fonte para o conhecimento do mundo real, mas sem confundir-se com ela. A história-ciência, com sua temporalidade homogênea e irreversível, tinha pouco a aprender com os modos literários de figuração do tempo, caracterizados, sobretudo, pela convivência entre passado e presente sob a forma da memória ou dos “passados que não passam”.

Do outro lado da trincheira, os literatos reagiam ao que viam como uma ciência pouco atenta ao presente e cheia de insignificâncias. Uma das maneiras de expressão dessa reação era a representação nada honrosa dos historiadores em diversos romances. Nestes textos, eles eram mostrados como indivíduos desprovidos de vida, alheios ao que se passava ao seu redor. A história também era acusada de ferir a universalidade da literatura, uma vez que, para os historiadores, um objeto só poderia ser corretamente explicado se localizado no tempo. O diálogo se reduzia e apenas as apropriações instrumentais eram aceitas: aos ficcionistas interessavam as observações particulares dos historiadores; para estes, os romances poderiam ser registros de representações dos passados que desejavam compreender.

Os debates recentes tornaram mais complexa a relação entre história e literatura. É possível afirmar que “não apenas os estudos literários se alimentam do trabalho historiográfico para enriquecer a compreensão e o próprio valor dos textos, mas a ciência histórica renovou suas abordagens do fenômeno literário e numerosos estudos colocam questões fundamentalmente históricas à literatura, sem reduzir sua literalidade”.<sup>1</sup> Talvez tenhamos chegado ao momento em que rompemos com a velha estratégia defensiva dos historiadores, aquela em que eles admitiam o que há de “irredutivelmente narrativo na escrita historiográfica, mas cuidadosa em recordar o que distingue os dispositivos científicos e disciplinares do historiador e a liberdade ficcional do romancista”.<sup>2</sup>

Se a potência da literatura reside, lembremos Victor Hugo, no poder de falar à sociedade, não devemos, ainda mais em nossos dias, esperar que o historiador fuja desse mesmo impulso. Como palavra endereçada ao mundo, história e literatura devem se constituir como formas de mobilização, de apelo às sensibilidades, de construção de sentidos para a nossa relação com o tempo.

<sup>1</sup>“Non seulement les études littéraires se nourrissent du travail historique pour enrichir la compréhension de la valeur même des textes, mais la science historique a beaucoup renouvelé ses approches du phénomène littéraire, et de nombreuses études posent des questions pleinement historiennes à la littérature, sans en réduire la littéralité”. LYON-CAEN, Judith e RIBARD, Dinah. *L'historien et la littérature*. Paris: La Découverte, 2010, p. 3.

<sup>2</sup>“[...] dirredutiblement narratif dans l'écriture historiographique, mais soucieuse aussi de rappeler ce qui distingue les dispositifs scientifiques et disciplinaires de l'historien et la liberté fictionnelle du romancier”. LILTI, Antoine. Introduction. *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, Paris, 65<sup>e</sup> année, 2010/2, p. 253.

Os textos deste dossiê, de destacados autores nacionais e estrangeiros, indicam a vitalidade dessas expectativas. Eles acenam com chaves de leitura diversas, transitam por espaços, épocas e perspectivas distintas e sinalizam movimentos e deslocamentos das fronteiras entre fato e ficção, discurso histórico e narrativa literária, real e imaginário. Neles, os saberes da literatura são mobilizados a serviço da interrogação das suas potencialidades de produzir conhecimentos morais, sociológicos, históricos e filosóficos. Os leitores não encontrarão algo como uma via interpretativa que toma a literatura como uma linguagem atemporal de acesso ao real. É pela historicização, como exercício de reflexão produtiva, que os autores aqui reunidos apreendem os dispositivos literários de produção de um saber sobre o mundo.

A força da crítica literária de Walter Benjamin, tensionada entre o subjetivo e o político, constitui o tema do artigo de Kelvin Falcão Klein. Se podemos ler os textos de Felipe Charbel, Rodrigo Turim e Ricardo Lísias como ensaios que demonstram o potencial da literatura para figurar a temporalidade e a história, Sabina Loriga toca em outra figuração comum a “muitos romances”: a do próprio historiador ou, ao menos, de um determinado tipo de historiador que, para tantos escritores, parecia nunca habitar o presente, mas tão somente o passado, empoeirado e morto, de suas pesquisas.

Ivan Jablonka oferece o que pode ser tido como um plano de leitura para os demais artigos. O seu “terceiro continente” propõe a moldura de uma ciência social que possa ser igualmente literária. Os contornos duradouros dessa obra teórica e epistemológica são um trabalho a ser desenvolvido por outros cientistas sociais e literatos. Como índice de um certo estágio das relações entre história e literatura, os textos deste dossiê poderiam servir de exemplos à tarefa de Jablonka.

Mover-se nas fronteiras, navegar nas bordas da história e da literatura, não temer o risco de se perder. Estas talvez sejam as únicas recomendações aos nossos leitores.

*Alexandre de Sá Avelar*  
organizador do dossiê